



O Gaiato

9 DE JUNHO DE 1973

ANO XXX — N.º 763 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Aqui Lisboa

«Aqueles que perderam os pais,
não perderam de maneira ne-
nhuma o gosto de serem filhos.»

Pai Américo

Quem teve a graça de nascer de uma família normal dificilmente se aperceberá do drama íntimo dos que não conheceram ou mal conheceram os seus progenitores e das carências daí resultantes, tantas vezes invencíveis. Com muito mais razão se avaliará das lacunas e dos sofrimentos daqueles que, gerados embora segundo as mesmas leis biológicas, se viram abandonados ou até sem saberem quem foram os seus pais. Muitos comportamentos se compreenderiam melhor se estivessemos a par do que há para lá do homem concreto que se apresenta na nossa frente, X ou Y, sobretudo quando investidos em missões de chefia ou de julgar.

Cerca de 70 a 80% dos nossos Rapazes estão precisamente nas condições expostas, aproximando-se os restantes de problemática equivalente. Como é necessário, pois, estarmos atentos aos condicionamentos que nos são impostos! Como sofremos na nossa própria carne e no nosso espírito as injustiças e as misérias que apalparamos a todos os momentos neste posto em que nos encontramos! Se temos um grande respeito pelas Vítimas inocentes que nos são confiadas, também não podemos por isso deixar de bradar, alto e bom som, em seu próprio nome, que já é tempo de acabar com injustiças deste tipo. Não bastam leis com articulados mais ou menos sentimentais mas inexecutáveis ou inoperantes; importa, isso sim, é dar resposta pronta e enérgica às necessidades constatadas. Se uma criança foi chamada à vida é porque foi gerada por alguém. Logo, a partir desta lógica comezinha, há que responsabilizar os respectivos agentes da geração. Se os pais abandonam os filhos há que chamá-los à ordem e obrigá-los a cumprir os seus deveres, quer sejam ricos ou pobres, quer ostentem grandes ou apagados nomes. Estão em jogo valores basilares e se queremos defender a pessoa humana e a própria sociedade, não podemos ficar de braços cruzados.

Para terminar e à laia de ilustração, aqui vão três casos, bem frescos, que motivaram o que dizemos acima. O primeiro refere-se a um mocetão à beira dos 18 anos, nosso desde os 6, oficialmente sem pai, cuja mãe(?) o abandonou e de que se perdeu completamente o rasto. Em conversa a sós, no nosso escritório, lamentava ele não conhecer uma só pessoa do seu sangue, a começar pelos próprios progenitores, de um dos quais nem o nome herdara. «Quem seriam?» Sem palavras para sair do impasse criado, lá lhe fomos dizendo da situação da grande maioria dos seus companheiros, sentindo, no entanto, a fragilidade do argumento. É que, com o mal dos outros podemos todos nós, como se diz em expressão po-

Cont. na SEGUNDA página

Não tínhamos dito ainda uma palavra sobre o passamento de D. Pompeu. Amigo antigo; companheiro de Pai Américo em Luanda, quando da viagem em 1952; depois, nosso companheiro também em 60, a primeira vez que visitámos África — quis a Providência dar-no-lo como Bispo e companheiro de mais anos... que foram poucos. Poucos dizemos nós com o coração ferido! Foram tantos quantos Deus entendeu... E graças porque foram intensos e preciosos à rude tarefa do arranque que pesou sobre Padre Telmo, a quem nunca faltou, de muitos modos concretizado, o bafo amigo do seu Bispo.

Simples, familiar, frequente na nossa Casa, adoeceu horas difíceis, comungou outras de alegria, num testemunho de compromisso com a nossa presença ali, como raras vezes temos recebido.

Todos os que recebemos o dom da sua fraternidade cristã e responsável, guardaremos para sempre este sabor a «Actos dos Apóstolos», que a sua convivência nos proporcionou.

X X X

Agora, ao tomarmos conhecimento de outro brado de singeleza, que foi a palavra do seu sucessor imediato, D. Eduardo André Muaca, ao ser empossado na Administração Apostólica de Malanje, não resistimos em dá-la a conhecer a toda a Família de «O Gaiato», enquanto pedimos ao Senhor que o guarde e o avivente e o liberte da adversidade.

«Não vou fazer um discurso porque não há razão para isso. Não me vou apresentar porque o homem, qualquer que seja a sua posição, é sempre um desconhecido para si mesmo, uma realidade que se revela todos os dias através da sua maneira de ser, pensar e agir. E como a estrutura representada por esses três verbos é misteriosa, eu evito apresentar-me. Esse facto de cortesia far-se-á aos poucos, no contacto diário, no trabalho que iremos realizando e nas horas boas ou difíceis que iremos vivendo.

O homem define-se ao longo da vida pela obra que realiza. Só quando dá o último suspiro é que podemos fazer afirmações categóricas sobre o valor de uma pessoa. Tudo o mais não passa de um gesto movido, ou por amor próprio, ou pela amizade sincera das pessoas que nos cercam, ou ainda pela vontade de criar em vez de esperar que os problemas surjam. Por isso, não me apresento.

Tomo posse, por vontade do Santo Padre, sem ruído e sem protocolos especiais, do cargo de Administrador Apostólico da Diocese de Malanje. Conheço os seus limites geográficos e número dos seus habitantes, o seu clima e as suas principais fontes de riqueza. No entanto, os problemas fundamentais da vida cristã, as dificuldades para um apostolado eficiente, os assuntos que atormentam a consciência das populações, numa palavra, a realidade pastoral de Malanje é coisa de que tenho um conhecimento puramente exterior. Nestes e outros pontos vim conjugar o verbo aprender.

Caso curioso: desde jovem que Malanje faz parte da minha pequena história. Aqui cheguei em 1942 como seminarista. Aqui fiz

CONTINUA NA QUARTA PAGINA



Miranda do Corvo — Quatro dos amores do Padre Horácio.

Notas da Quinzena

● Tenho pouco de colecionador e só arquivo o que tem mesmo de ser. No entanto há sempre coisas que nos parecem merecer mais atenção do que a que se lhes pode prestar naquele instante... e vão ficando, transitoriamente, sobre a secretária. De vez em quando surge uma hora de «limpeza» e acontece uma revisão e um lançar ao cesto dos papeis de tantos de cuja leitura mais saboreada desisto em definitivo.

Foi em uma destas operações, há dias, que reencontrei duas cartas, de velhos Amigos, cujo rasto perdera desde há anos. Onde estariam? Como? Nestes transe é o ficheiro do jornal, geralmente, o nosso guia. Por ele fomos na pista de antigos endereços e retomámos o diálogo.

Vieram as respostas; o acerto de desvios que o peregrinar das pessoas ocasiona. Um andava perdido de «O Gaiato»;

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

PISCINA — Quase concluídas as obras na nossa piscina. Falta apenas meter o fundo, rebocar as paredes, pavimentar o resto dos passeios, fazer os balneários e colocar os chuveiros. Obra que ficará por algumas centenas de... Mas valerá a pena porque a malta merece. O canto mais feio da nossa Casa passou a ser o mais bonito!

FUTEBOL — Com a aproximação do Verão começaram a chegar convites de todos os lados para se efectuarem desafios no nosso campo.

No último domingo recebemos cá os empregados do «Pão de Açúcar» que saíram goleados por 6-0, golos de Mamadu (3), Mário, Carlos e Artur.

Mesmo a jogar em casa tivemos o juiz da partida a favor do nosso adversário, o que não valeu de nada, porque dominámos por completo o jogo.

Mas continuem a vir. Não esmoreçam, porque a nós não nos interessa o resultado do desafio mas passar o tempo.

EXCURSÕES ESCOLARES — O mês de Maio é o mês das visitas escolares à nossa Aldeia e, este ano, como sempre, vieram de quase todo o norte do País.

Maio, mês de Maria, nossa Mãe; mês das rosas; talvez o mês mais bonito do ano, em que a nossa Casa anda mais florida.

Obrigado Professoras e Professores e Alunos que nos vieram visitar no mês mais lindo do calendário.

LAVOURA — Silagem da erva — Todos os anos, por esta altura, fa-

zemos a silagem da erva. Muita azáfama nesses dias para que o nosso gado tenha sempre que comer e não nos falte a carne e o leite para consumo e, também, para vender.

Vinhas — As nossas ramadas estão com uma cara de que vão dar muito. Esperamos que sim, se Deus quiser. Os nossos homens do campo, sob a chefia do Serafim, fartam-se de as tratar para que, na vindima, tenhamos vinho suficiente para consumo interno e para lançar o resto no mercado.

Porcos — Há dias, o nosso «Faisca II» foi participar num curso de pecuária, especialmente sobre porcos. O rapaz ficou um pouco decepcionado com o seu aproveitamento...

Se voltar a fazer novo curso aproveitará mais, com certeza.

REGRESSO DE TROPAS — Regressaram, há pouco, mais dois dos nossos: Martinho e António Maria, ambos serralheiros. Dão, agora, maior apoio à nossa serralaria — a oficina mais fraca que temos.

DOENTES — A doença entrou em nossa Casa. Foi a vez das apendicitides! Primeiro, Quim Oliveira. Já recuperou. Agora, o Henrique, que também é cronista do «Famoso».

O caso dele é um pouco mais grave, por ser uma apendicite aguda. Pedimos a Deus que recupere o mais depressa possível.

EDITORIAL — Prossegue, em grande marcha, a distribuição do livro «Viagens».

Preparamos, já, o próximo livro: a reedição do «Barredo».

FUGAS — Fugiram mais dois Rapazes. Desta vez os irmãos Casacas. Tinham como alcinha, respectiva-

mente os nomes de «Feijão» e «Canário».

Como estava previsto, os Casacas voltaram.

Esperamos que daqui para o futuro continuem a pertencer à grande família da Obra da Rua.

Luis Nunes Marques

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

REUNIÃO DE TRABALHO — Ontem fomos a uma paróquia vizinha, compartilhar, mutuamente, o discreto serviço de Igreja junto dos Pobres, a que nos devotamos. Dez ao encontro de outros dez!

É um convívio que retribuimos todos os anos, salvo uma ou outra excepção. A Conferência visitada, sob a invocação do Divino Salvador, nasceu no seio da do Santíssimo Nome de Jesus. A mesma Pedra Angular!

Foi «mesa-redonda» em salinba pobre e acolhedora. Em separado, debatemos problemas específicos duma e doutra Conferência. E os comuns, em conjunto. Emergiram as nossas limitações e as que o mundo atravessa no caminho dos Pobres. A luta! Difícil, mas que apaixonou.

Algumas notas, em duas pinceladas:

Sofremos o escândalo público daquela pobre mulher fácil que tem gerado filhos de vários «pais» e pernoita na moradia da mãe — Património dos Pobres... O grupo visitado tenta, há muito, uma solução. «Eu desculpo menos a besta dos «homens» do que a fraqueza da mulher!...» — desabafa um. Certo! Mas, como as mo-

radias do Património dos Pobres não podem ser lupanares, um visitado formulou esta hipótese: a Conferência auxiliar discretamente a mulher na renda duma casa a alugar — por amor dos filhos. Vão procurar resolver — entre a carência de habitações.

Estou a ouvir uma queixa do responsável pela Conferência: «Estamos sempre com as mãos a abanar! Como vêm, o dinheiro não chega a aquecer. Entra e sai logo. Por isso, temos muitas dificuldades na conservação e reparação de 12 casas do Património dos Pobres. Há portas e janelas a ficar pôdres...». Inquietações...

O problema da habitação foi a nota do dia. Surgiram os entraves da lei, da burocracia, para a auto-construção espontânea. Leis, regulamentos e burocracia que deveriam ser fáceis (sem facilidades...) e ter como objectivo principal o fomento. A palavra corre mundo. Segundo Eduardo Pinheiro, fomentar é incitar, estimular, promover o desenvolvimento de... Para as bandas do Capital procede-se deste modo. O caso específico do comércio externo. Porque não criar um simples plano de fomento a nível concelhio (por intermédio da Secretaria de Estado do Urbanismo e Habitação?) fornecendo aos trabalhadores plantas e assistência técnica (a preço simbólico), prescindindo o Estado e autarquias de encargos e licenças e alcavalas — com defesa legal? Haveria melhor investimento enquadrado no próximo IV Plano de Fomento? Claro, seriam feridas muitas situações oriadas; mas seria um processo de motivar (onde for possível...) a fixação de milhares de portugueses do interior que, nos próximos anos, segundo os peritos, irão abarracar ao redor das grandes urbes do litoral. Só para a zona de Lisboa, nos próximos anos, prevêem-se dezenas de milhares! Não contando com a emigração...

Foi uma noite de trabalho cristão!

Veio, ainda, à tona, o caso daquele Pobre que esbanjou, quase completamente, a maquia da reforma, por velhice; daqueloutro, doente, a quem se levantou, na casa, um compartimento que serve de quarto e, porque não fora pintado e as paredes caídas, não queria receber a Visita Pascal.

E mais e mais — como diria o Pai Américo, se lá estivesse fisicamente.

DONATIVOS — Há dias, o nosso tesoureiro disse que, presentemente, a bolsa dos Pobres não está muito abonada. Sorrimos... Eis o motivo: procuramos dar-lhes o suficiente, conscientemente. É o nosso rumo, o nosso caminho. As Conferências — ai delas! — não são empresas capitalistas. São o inverso da filosofia do deus-milhão.

A vossa presença é certa, perseverante. O Senhor nunca faltará aos Pobres — por vossas mãos. Nunca! O que é preciso é procurarmos fazer o bem o melhor que nos for possível, atendendo às nossas limitações — à glória da nossa pequenez!

Aí vão, apenas, cinco devotos. Mas que presenças! A primeira Riqueza é de Braga, de um Operário reformado.

Vem, a seguir, «Um Anónimo com muito carinho», num singelo cartão, capeando 250\$00. Não importa saber quem, nem donde. É um Anónimo. É a marca de um Cristão.

Mais uma Pobre a dar a mão aos Pobres:

«Cá estou, mais uma vez, com uma das minhas lembranças, graças a um trabalho que me foi possível fazer. A Cliente teve a paciência de esperar mais de 6 meses para eu pegar no serviço: 4 lençóis e almofadas para guardar para os filhos que um dia hão-de casar. Ficam sempre tão contentes como' tristes, quando lhes digo que não posso pelas dores que tenho...»

Mas, pela graça que Deus me deu, esse dinheirinho não me fica a fazer falta para comer ou para pagar o aluguer. Os 40\$00 vieram dum trabalho. São para a Conferência de Paço de Sousa. Ninguém se aflija com as minhas pequenas lembranças, pois Deus não me tem faltado da maneira que Ele entende...»

É sangue de uma Pobre — para os Pobres!

Finalmente: 20\$00 entregues no Espelho da Moda — o nosso Depósito na rua dos Clérigos, Porto; e 300\$00 da Caixa Postal 597, da Beira, Moçambique.

Para todos, um muito obrigado dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

pular. O segundo caso diz respeito a um Rapaz de 15 anos que, escrevendo à Mãe um dia destes, lhe perguntava: «Mande-me dizer se tenho pai ou não». Ao lermos esta passagem, sabendo da economia do pai ao escusar-se a dar o nome ao filho, sentimos como que um calafrio. Se até das vacas, cá em Casa, conhecemos os progenitores, como não acharmos natural que um dos nossos Rapazes se ache no direito de saber se tem ou não pai? Ainda não tivemos tempo nem coragem para falarmos, mas, com franqueza, não achamos como resolver capazmente o problema levantado. Ainda se estivesse provada a geração espontânea!... Finalmente, o terceiro caso refere-se a alguém que foi nosso e que, aos 33 anos, nos mostrava esfusiante de alegria o documento em que o pai, depois de muitas lutas e canseiras, lhe reconhecia a paternidade. Tendo acompanhado ao longo de mais de uma dúzia de anos a questão, veio-nos, por extensão, à mente a frase que encabeça o nosso escrito de hoje.

Padre Luiz



SETUBAL

Estamos a dar os últimos suspiros na campanha de Festas de 1973. E esta é a primeira vez que sai uma notícia sobre elas! Curioso é, também, verificar — ... parece até contraditório com as notícias!... — que nunca elaborámos uma Festa nesta Casa com tanto tempo. Vêm desde Janeiro. Representadas num longo, exaustivo e moroso trabalho de cada um em prol do enriquecimento dum trabalho que é de todos! Porque todos colaboram. Houve os seus quês, certos murmúrios, alguns desentendimentos; mas é certo que todos colaboraram. E tudo se sanou. Tudo

correu bem. Melhor até do que pensávamos.

Este ano acompanhou-nos uma certa preocupação: apresentar qualquer coisa diferente e ainda dentro do espírito «de tudo fazer, mas sempre melhor». Afastámo-nos dum espectáculo cujo cariz já era tradicional. Duas partes: a primeira, totalmente preenchida com uma comédia; a segunda, por variedades. Eliminou-se, este ano, esse tal programa estereotipado, muito menos trabalhoso e, consequentemente, muito mais cómodo... Preferimos as variedades. Variedades e só variedades, com conversas engraçadas, de «compéres» à mistura. E que resultou de tudo isso?! Resultou tudo num esforço maior de energias; mas lançou-se à vista um programa muito mais variado, muito mais movimentado, sucessivo e ligado. Resumindo e concluindo, para quem não viu: uma coisa

muito ao género de revista.

Por falarmos em revista, lembremos que em vésperas de actuarmos no Montijo, alguém por força de ser ou não possível lá realizarmos a festa ou (As nossas festas propõem-se a despertar consciências, mais nada...) nos interpelava sobre o conteúdo do que fomos apresentar e em que género literário, dramático ou musical o podíamos integrar... Lamentámos esta ignorância da parte de quem a não devia ter!... O tempo urgia, daí a necessidade de respondermos depressa. Estávamos convencidos de que a resposta aleijou. Ou pelo menos não era a que os superiores desse «alguém» esperavam. «Não há género nenhum onde possamos meter as nossas Festas, porque elas abrangem todos os géneros e não pertencem a nenhum. Aponte lá,

Continua na QUARTA página



Novos assinantes de «O Gaiato»

● CORREIO DOS LEITORES

A vida de «O Gaiato» apaixonada. Cria apaixonados. E com uma intensidade que, motivados pelo século, seríamos tentados numericamente a medi-la por defeito — a profanar!

Aí vai a *procissão* de novos assinantes. Portugueses situados em países de vários continentes. Caso curioso: uma parte deles inscreve-se pessoalmente e directamente, sem intermediários. Formidável!

«Meus amigos — abre, assim, delicadamente, uma breve carta de Torres Novas — eu quero ser assinante de «O Gaiato». É possível, não é? Então fico à espera do primeiro exemplar...»

O verbo querer tem muita força!

E aqueles expressivos bilhetes-postais oriundos de Sacavém? Abençoado laconismo!

Diz um:

«Caro senhor: com o meu maior prazer gostaria de receber o nosso Jornal «O Gaiato». Obrigado!»

Diz outro:

«Caríssimo senhor: tinha imenso gosto em receber o nosso adorador Jornal «O Gaiato». Quanto é?»

Aqueles nosso adorador vinculam um acto de participação, de comunhão, de posse. Certíssimo!

Que dizer, também, desta carta — tão simpática! — que merecia ser estampada em fotogravura? :

«Sou aluna da Escola de Atouguia da Baleia... Gostava de ser assinante do Jornal «O Gaiato». Aqui vão estes 2\$50 com o melhor carinho...»

Para ti Maria (há outras Marias na terra...), vai um beijo cândido, afectuoso, dos nossos «Batatinhas». Folgamos com a tua atitude e compromisso. Folgamos, por serem, cada vez mais frequentes, presenças idênticas. E, como pelo fruto se conhece a árvore, a carícia dos «Batatinhas» é extensiva à tua Mestra.

Mais juventude. Mais simpatia! É do Algarve; onde a invasão do capitalismo nórdico ainda não murchou todas as flores. Graças a Deus!

«Haveis de perguntar quem sou e com razão, pois não me conheceis pessoalmente. Em espírito somos todos um só... Mas, para me conhecerdes um pouco, apesar da distância que nos separa, digo-vos quem sou: Sou algarvia, resido na última cidade portuguesa situada ao sul do nosso País.

Tal como alguns de vós, eu também não tenho pais. Ambos

faleceram quando contava ainda poucos anos...

Como vós, também vivi horas muito amargas; mas, às vezes, é bom ter sofrido, para depois se saber amar e compreender muitas coisas que passam despercebidas aos olhos de muitas pessoas...

Pois bem; vai para dois anos que me encontro empregada no Hospital da Misericórdia, aonde se encontrava, também empregada, uma senhora já velhinha, que tanto gostava de todos vós. Algum tempo depois de nos havermos conhecido, a sra. A. perguntou-me se conhecia um jornal chamado «O Gaiato». Confesso-vos: nunca o tinha visto; mas, se me fosse possível, gostaria... Então, comecei a ler todas as quinzenas «O Gaiato» e até alguns dos vossos livros: «Isto é a Casa do Gaiato» e o último volume publicado, o «Viagens». Gostei tanto deles que a sra. A., um dia, veio toda contente oferecer-mos, mas não queria que se perdessem ou fossem maltratados. Depois dela falecer, assim ficava descansada. Fiquei maravilhada com o «Viagens»!...

Depois de termos conversado e nos ficarmos a conhecer, gostaria de vos fazer um pedido, se fosse possível: gostaria de tomar lugar na lista dos assinantes de «O Gaiato». Gosto muito do Jornal. Através dele tenho aprendido muitas coisas e aperfeiçoado outras tantas...»

● DO MUNDO PORTUGUÊS

Na frente segue Bragança com duas presenças e um desabafo: «Bem desejava mandar dezenas de novos assinantes, mas é frio glacial para receberem a Luz do Evangelho!!».

Mais Alcoentre, Monte Redondo, Alijó, Arganil, Rio Tinto, Amadora, S. João da Pesqueira, Almada, Setúbal, Parede, Loures e Figueira de Castelo Rodrigo, que diz: «Esta Senhora desconhecia o nosso Jornal e, vendendo-o em minha casa, quer também ser assinante. Quem me dera poder arranjar mais!...».

Mais Barreiro, Mangualde, Alverca, Leiria, Queluz, Trafaria, Marco de Canaveses, Olhão, Leiria, Palmela, Porto de Mós,

S. Pedro da Cova (Gondomar), Torres Novas, Luso, Runa, S. Braz de Alportel, Viseu, Grândola, Sacavém, Almada, Mira e Gondomar.

Do Porto, numeroso grupo. Afirma um peregrino: «Já há muito tempo que tenho vontade de ser assinante. Eu compro o Jornal sempre que o vejo. Mas assim é mais certo». Se é! Agora, uma queixa: «Há longos anos que sou leitor assíduo do nosso muito desejado Jornal. E já por vezes procurei, por intermédio dos nossos Rapazes, inscrever-me como assinante — o que não resultou».

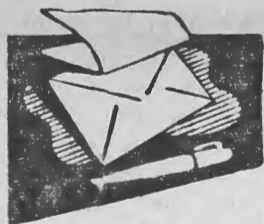
De Lisboa, também gente com força. Do grupo salta à vista uma Celeste muito radiante: «Venho informar, com grande alegria, que arranji um novo assinante... Um abraço com a maior estima e simpatia...».

O Ultramar marca presença com gente da Beira, Catembe, Porto Amélia e Lourenço Marques — de Moçambique; Angola, com novos assinantes de Luanda e uma série de S. P. M.

● DO ESTRANGEIRO

Há emigrantes, portugueses, espalhados pelo mundo fora, que estão connosco. À nossa frente, passam deles, como novos leitores, residentes em França, Brasil, África do Sul e Alemanha. Para todos, saudades de Portugal.

Júlio Mendes



Uma Carta

«Meus queridos Padres

Aí vos envio uma minúscula oferta, acrescida um bocadinho por mim, duma neta muito do meu coração a quem o Pai deixara essa quantia para as suas lambarices de férias. Muito amigas de contos e a passar já a idade dos da carochinha, lembrei-me dalguns mais emocionantes do Padre Baptista em «O Gaiato».

Interessou-me vivamente e com os olhos marejados disse com decisão: «Quero assinar «O Gaiato» e vou mandar para o Calvário o dinheiro que o Pai me deixou».

Acabadas as férias voltou a casa e escreveu-me a notícia de que tinha pedido a assinatura de «O Gaiato», enviando também selos da sua colecção e alguns por usar. Rejubei e peço uma lembrança vossa diante de Deus, para que esta criança amante da justiça, muito sensível, se não desvie, num mundo de tantos perigos.

Já que me disponho a escrever-vos, pergunto: Porquê o silêncio do Padre Baptista. Parece a causa com a do Padre Acílio?

O vosso carregamento é pesado. Parece-me vislumbra em qual quer retalho de um «Gaiato», novo Padre à bica. É verdade?

Pai Américo não pode abandonar-vos já que vos meteu na liça.

Oh! se caminhássemos para uma maior justiça social! O vosso contributo é grande, mas o andar é tão de lesma!... Os ricos e poderosos apertam a bolsa e opõem-se quanto podem a novas estruturas. Medo, medo do comunismo — todos os males têm aí a sua origem e queira Deus o não tragam mesmo. Muita parra e pouca uva!... Nossa Senhora ajude os nossos governantes a abrirem os olhos à nossa realidade social e a apressarem o passo.

Desculpem o papel, não é desconsideração, pois vos tenho dedicação profunda, até porque tanto me ajudaram no governo do meu barco, também grande para as minhas posses. Gostava de saber do Padre Baptista e do Padre Acílio. Uma palavrinha em «O Gaiato», pode ser?

Uma antiga assinante de «O Gaiato»

CAMPANHA DOS TEMPOS LIVRES

Levanta-se o problema: Como ocupar os tempos livres? Com quê?...

E há tantas maneiras de os ocupar, mas ainda não há, ou melhor, está-se criando alguma coisa a nível cultural no nosso meio. Aproveito para perguntar se este pedido vem ou não a propósito do tema que se está debatendo e que é necessário remediar.

Já há tempos se falou em «O Gaiato» n.º 761, no pedido de um *gira-discos* e respectivos *discos*. Não fomos atendidos. Porquê? Não sei! A menos que fosse por ter ficado paginado de maneira que os possibilitados não dessem por ele. No entanto não desistimos, até porque é uma iniciativa de recreio tomada por nós e isso nos basta!

Aqui estamos, pois, mais uma vez, a insistir, mas de maneira diferente — e não é demais — para que não seja só um a acarretar com o problema. Tanto mais que a união resolve o assunto. A nossa ideia é criar uma sala-complexo onde possamos ter o tal *gira-discos*, os *discos* que também incluímos e ao mesmo tempo sala de leitura, onde a malta possa passar os ócios do dia cultivando-se a si mesmo de maneira muito simples. E nós queremos criá-la ao nosso nível e dentro das nossas possibilidades. É isto mesmo que nós vos pedimos, amigos leitores. Aqui deixo o apelo da malta interessada e o supérfluo que os amigos nos quiserem dar, é fazerem o favor de enviar para **Campanha dos tempos livres, Casa do Gaiato — Paço de Sousa**.

Ficamos muito gratos e para já apalpamos os bolsos e perguntamos: Quem nos quer ajudar?

Aguardamos com ansiedade e peço-vos que não nos deixem morrer a ideia.

Joaquim P. Barros

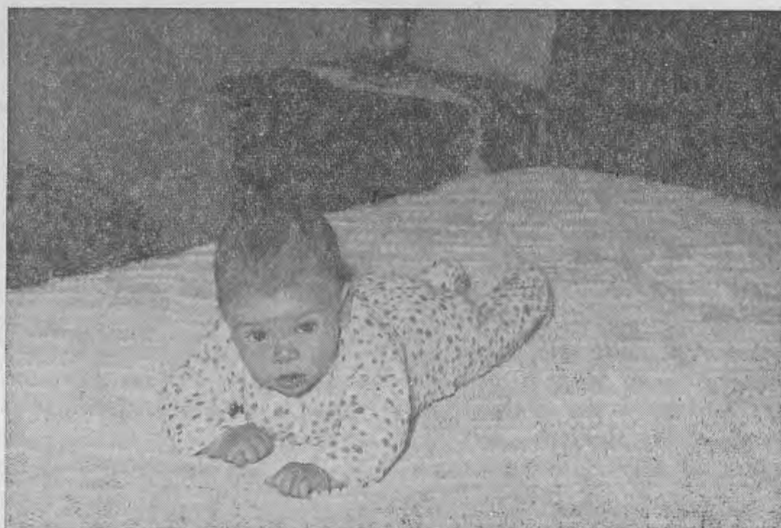
N. da R. — Na verdade «o nosso carregamento é pesado». Mas ao silêncio de alguns dos nossos Padres no jornal, também uma certa preguiçazinha dá a sua ajuda.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



A Família cresce

Aqui está o primogénito do António Alberto Carneiro Neves, que foi da Casa de Paço de Sousa e reside em Cête.



do outro era eu quem andava perdido. Tudo em ordem, agora. E o sabor tão delicado de uma amizade que se ergue sobre um Ideal comum! Porquanto — me dizia um deles — «repare que nunca nos conhecemos pessoalmente! Eu já o vi nos palcos, mas mais nada. Apareça, sim?».

● De como eu fui a uma consulta da Previdência!... É verdade. Já ouvira dizer. Mas agora sei!

Um pequeno nosso de há pouco, marcado pela poliemielite, tem direito a tratamento e bota ortopédica porque a Mãe é beneficiária de uma Caixa. Porque sobrecarregar médico sempre pronto e suportar prego do aparelho?

Veio uma credencial de Lisboa. Foi ao Posto cá da terra. Daí, a outro do Porto — Serviços de Cirurgia. A este, tive

Notas da Quinzena

de ir eu também, que o moço não se desembaraçava sozinho. Começámos por uma bicha para entregar um papel e encher outros. Passámos à sala de espera. Eu pedi a uma empregada que andava com papéis de um lado para o outro que tivesse pena de mim, que tinha tantas voltas a dar aquela tarde! Não sei se teve pena ou não teve, mas, vá lá!, não esperámos muito.

Chamados ao consultório, Sr. Dr. nem para nós olhou. Leu papéis, escreveu papéis, enquanto uma empregada, ao lado, ia arrumando montes deles e outro empregado entrava com mais deles. «Se no Posto daqui não havia médico-chefe?» — foi a pergunta que nos fez. Pois, ao que percebi, havendo tal hierarquia, logo podia ter sido

requisitada consulta à ortopedia, para onde éramos agora remetidos. Tudo durou dois ou três minutos.

Voltámos à bicha dos papéis. Meti-me numa que não era. Chegada a minha vez, tornei a tornar prá bicha ao lado. Era para marcar consulta na ortopedia. «Só às quatro horas é que se marca» — diz a menina. Eram três. Vim-me embora e fiz propósito de marcar do Posto cá da terra. Assim foi. E assim teríamos, se fôssemos, consulta no dia 2 de Janeiro de 1974 às 13,30!!

Pobre do Doutor sempre pronto, que se não livra de nós! E vamos a ver se a Previdência paga a bota... Senão, descalçamo-la nós.

● Há muitos anos que a não via. Encontrámo-nos hoje, vinha eu de uma volta pela quinta quando ela chegava ao pé da Casa-Mãe.

Trazia duas pequenas peças de linho que tecera, uma das quais com amor redobrado porque será para o serviço da Capela. «Veja que linho fino, preciosos!» Eu via e tateava e regalava-me com aquele tecido tão caseiro que há-de tocar o Corpo e o Sangue do Senhor. E Ele também se há-de regalar!

Conversámos. Os anos que vão passando, os costumes que mudaram, a saúde que não perdoa...

Eu fiquei saudosos daqueles outros tempos em que cultivávamos linho e vinham aí as fiandeiras todas as semanas: traziam novelos e levavam farnel de mercearia.

— Ainda há quem fie? — perguntei à Sr. Conceição.

— Ainda, mas muito menos.

Hoje as raparigas vão todas prá costura, prá máquinas de tricotar, prá fábricas, onde as há... Quem se entretém neste ofício caseiro e pobre de fiar e tecer?!

Fiquei saudosos... E, se a informática cá da Casa não vetar — e ainda for tempo — farei que se semeie uma vez mais um pouco de linho para ter outras ocasiões de ver a Ti Conceição e de me deliciar com outro pano semelhante, «fino, precioso».

● As «Criaditas dos Pobres» vão começar no próximo Outono na cintura pobre da

Aguardemos a sua chegada com jejuns, orações e súplicas ao Senhor, dono desta promissora seara que se chama Diocese de Malanje.

Saúdo as autoridades civis e militares da área da Diocese. Espero que dentro das esferas próprias consigamos todos tornar Malanje e Lunda em zonas material e espiritualmente progressivas.

Para terminar, declaro reconduzidos ou confirmados nas suas funções todos os missionários que foram nomeados pelo Senhor D. Pompeu de Sá Leão e Seabra.

Agora, mãos ao trabalho».

Amadora, numa casita pré-fabricada que já está em construção. «Apesar de tão poucas e sem vocações, contamos ir (...) 2 ou 3 irmãs para lá». É mais um testemunho do Reino de Deus — Evangelho levado aos Pobres — naquelas terras

em crescimento desvairado, onde Mammona reinará — quantas vezes?! — na vez de Deus.

Pois elas vão e precisam de uma máquina de costura. «Pensando que ela (a máquina) muito nos poderá ajudar a ajudar os Pobres. É capaz de a pedir e no-la dar? Será um pedido demasiado ousado?»

Não senhor, não é. Eu não o acho — e tenho a certeza de que muitos leitores nossos vão dizer também que não.

Setúbal

dissemos, «A vida numa Casa do Gaiato».

Quem nos tem visto sabe que assim é. Nunca fugimos a este tema. O declínio de qualquer coisa começa quando se foge à regra principal que a rege. Embora os números sejam dispersos e variados, o «miolo» deles bebe sempre na sua directriz primária: mostrar ao vivo o que é a vida numa Casa do Gaiato, com toda a sua espontaneidade, inocência e alegria de viver. Que esse nosso amigo, por razões burocráticas ou como testemunho aos seus superiores, se não iluda!... Não, não é revista! Nem tem género. Ela é tirada da vida e representada na vida. Sem receios de alegrar ou magoar quem a ela assiste. Ela é mesmo para alegrar e fazer doer. São pedaços alegres ou dolorosos que nela estão escritos. Que nela são representados... Não pagam direitos de autor, não senhor! Isso é uma forma como tantas outras de alienação! Desde quando uma interpenetração de sentimentos, sejam lá os números que forem para a representar, paga direitos de autor?! Desde quando um convite às responsabilidades, paga direitos de autor?!... Desde quando?!... É sempre assim! — atentamos no pormenor mais insignificante, menos importante e deixamos passar o sumo por entre as mãos. O «sumo», meus senhores, isso é que vale, isso é que interessa! O resto são só histórias para entreter!

Um outro pormenor que detectámos nestas nossas romagens, diz respeito às interpretações e atitudes daquele que acorre a ver-nos. «São os Gaiatos que vão a passar; vamos lá!» Quando é que muitos pensarão assim? Mas não; amarramo-nos a atitudes de indiferentes, de comisseração, de caridade mesquinha, doentia e ignorante e deixamos correr o pó, tantas vezes! Estamos lá, durante essas «benditas» horas, onde cada um — tanto os de fora com os de dentro! — tem necessidade de discorrer, de aprender e continua-se ainda hoje a sair de lá sem nada ou bem pouco se ter aprendido. Compreendemos a atitude

exigente de alguns, porquanto isso contribui para o melhoramento no ano seguinte. Mas já assim não entendemos se porventura alguém nos quer equiparar aos profissionais da arte de representar. Nem semi-profissionais, quanto mais profissionais! Amadores, com letra grande, isso sim! O que lá pomos é tudo aquilo que os tempos dispõem, tantas vezes com entaves de estudo e trabalho, nos permitem fazer. Não temos veleidades, nem as queremos ter. É o Rapaz da rua que lá está. Com os seus defeitos e com as suas virtudes. Independentemente da idade, cultura ou quaisquer outros atributos. Até o «Modestito», na inocência dos seus 2 anitos, é artista na Festa. Nem chega sequer a ser artista de palmo e meio. Só um palmo e bem medido!

No entanto, consola-nos de ser uma minoria já quantos não emprestam ao simples acto de comprar o bilhete uma mera ajudita aos «Rapazes da Casa do Gaiato, coitadinhos!». E quantos assim continuam a pensar, após concluída a Festa? Em bem poucos espectáculos tenho visto o fundamento e a grandeza que a cada passo se detecta numa destas Festas. Não é publicidade! É a verdade nuazinha e crua. Quem assim não vê neste convívio anual, não o percebe... Um dia que o perceba deixará de pensar nesses rapazitos, nesses coitaditos, que, infelizmente, ainda hoje tanto correm de boca em boca. Somos rapazes, caríssimos, sem itos e sem inhos. Esta é uma maneira encoberta de depreciar estes Rapazes válidos que moram adentro de portas e todos aqueles que hoje são homens «grandes» na mesma sociedade em que essas mentes com tal pensar vivem. É, pois, este o testemunho mais válido da nossa Festa, em cada ano: Dar-mo-nos a conhecer aos que não nos conhecem e a conhecer melhor ainda aos que já nos conhecem. Daqui a nossa sede de trilhar de novo os mesmos caminhos em cada ano. Foi Setúbal, Montijo, Palmela, Quinta do Anjo, Almada. Será Sesimbra. Não sabemos se a última. Mas pró ano lá estaremos contigo mais uma vez!

Rogério

MALANJE

parte da minha formação eclesial. Aqui consolidei os fundamentos da minha vocação sacerdotal através de mestres dedicados alguns dos quais, graças a Deus, ainda vivem.

Pois venho mais uma vez repetir a lição depois de 26 anos de interrupção. Quer venha a ser fácil, quer aprendida à custa de muitos sacrifícios, só peço a Deus uma coisa: que essa lição reverta em benefício das almas, implantação da Igreja e dignificação da diocese e das gentes de Malanje.

Todos nós passaremos, mas a diocese de Malanje, regada com suor e lágrimas de tantos missionários, ficará. Será um marco de glória se os seus servidores forem fiéis a Deus, à Igreja e aos Homens. Será uma recordação triste, se se desviarem dos caminhos apontados por Cristo e trilhados pelos seus grandes missionários entre eles, P. João Mendes Cardona, Madre Vitória e Madre Leticia e, sobretudo, o chorado D. Pompeu de Sá Leão e Seabra, último Bispo da Diocese, cuja morte, embora esperada, ainda nos surpreende.

Vimo-lo muitas vezes entrar e sair desta casa, conversar com as ovelhas, celebrar a Santa Missa, visitar paróquias e missões. Simples e cordial, dir-se-ia um homem como qualquer outro, um sacerdote como os demais.

No entanto, quando chegou o momento crucial em que todos nós vacilamos, D. Pompeu surgiu-nos na grandeza da sua personalidade a que uma fé viva e operante dava uma solidez especial. Saiu deste mundo sem

agonia, sem ruído, com a certeza firme de quem vai ao encontro d'Aquele que tanto e tão bem serviu. Dez anos esteve à frente da Diocese. Dez anos que pareceram minutos.

Que a sua lição não seja esquecida. É o seu testamento, a sua última pastoral.

Não posso deixar de recordar o fundador desta Diocese, o Senhor Arcebispo de Luanda, D. Manuel Nunes Gabriel. Durante os quatro anos que aqui esteve criou estruturas, fundou obras e deu impulso a iniciativas que ainda hoje testemunham o seu amor à Igreja de Malanje.

Laços especiais me ligam a ele pela formação que me deu no Seminário Maior de Luanda, pela estruturação que deu ao meu sacerdócio, sobretudo nos primeiros anos, e pelas sábias orientações que me tem dado durante estes três anos que tenho partilhado das suas «alegrias e esperanças, tristezas e angústias».

Para ele o meu reconhecimento.

Talvez alguém queira saber qual será o meu programa pastoral.

Posso dizer-vos que não tenho nem pretendo ter um programa especial. Cristo deu-nos a doutrina e a norma, o Vaticano II traçou-nos as linhas práticas de apostolado moderno, a Conferência Episcopal de Angola já tomou posição clara sobre os principais problemas. Além disso, «sede vacante, nihil immutetur». Todos estamos numa situação provisória. Modificar pela gosto de modificar, alterar a rota sem conhecer os pontos cardeais, destruir sem saber construir, pode ser um lindo gesto propagandístico, mas não uma atitude apostólica.

Se algum sector teremos de reformar, será o das nossas vidas pela procura dos caminhos da santidade e da renúncia até que venha «aquele que deve ser enviado».

